

Rodrigo Peixoto Barbara\*  
Renata Valério Póvoa Curado\*\*

## *Rizo-Liminaridade*

Performances do "Entre"

## *Rhrizo-Limilarity*

Performances of the "Between"

## RESUMO

O presente texto objetiva discorrer sobre duas performances do 'entre': uma em Victor Turner e outra em Gilles Deleuze e Félix Guattari. Em Turner, discorrer-se-á sobre a primeira, a 'Liminaridade', levando em consideração a extensão que este termo abarca: *communitas*, margem, status e ritos de passagem (este último, ancorado na teoria de Arnold Van Gennep). Em Deleuze e Guattari, dissertar-se-á acerca da segunda, o 'Rizoma', e, conseqüentemente, a sua condição de fluxo e corte, de desterritorialização, de nomadismo e multiplicidade. Este texto também está fundamentado teoricamente em Richard Schechner, importante teórico na área das Performances Culturais e de influência nos escritos de Victor Turner.

**Palavras-chave:** Liminaridade; Rizoma; Victor Turner; Gilles Deleuze; Félix Guattari.

## ABSTRACT

The present text aims to discuss two performances of 'between': one in Victor Turner and another in Gilles Deleuze and Félix Guattari. In Turner, the first, 'Limilarity', will be discussed, taking into account the extent to which this term encompasses: *communitas*, margin, status and rites of passage (the latter, anchored in Arnold Van Gennep's theory). In Deleuze and Guattari, the second, the 'Rhizome', and consequently its flow and cut condition, of deterritorialization, of nomadism and multiplicity, will be discussed. This text is also theoretically grounded in Richard Schechner, an important theoretician in the field of Cultural Performances and influential in the writings of Victor Turner.

**Keywords:** Limilarity; Rhizome; Victor Turner; Gilles Deleuze; Félix Guattari.

## 1. Linhas de fuga e pontos de contato

Para os grupos, assim como para os indivíduos, viver é continuamente desagregar-se e reconstituir-se, mudar de estado e de forma, morrer e renascer. É agir e depois parar, esperar e repousar, para recomeçar em seguida a agir, porém de modo diferente. E sempre há novos limiares a atravessar, limiares do verão ou do inverno, da estação ou do ano, do mês ou da noite limiar do nascimento, da adolescência ou da idade madura, limiar da velhice, limiar da morte e limiar a outra vida – para os que acreditam nela (GENNEP, 2011, p. 160).

O meio. Sempre o meio. Um estado, uma posição, uma transição, um local, uma viagem. Uma condição de viajante, de pontos de partida, de chegada, e, novamente, partida. Nunca se chega, pois sempre se transita. Eis o pensamento apresentado por Genep, na epígrafe desse texto. A performance<sup>1</sup> do 'entre' encontra-se performada na 'travessia' e a 'travessia' sempre será um 'entre': entre um lugar e outro, uma condição e outra, e o diálogo/aprendizado, posição de (des)pertencimento, acontece na passagem, nos ritos de passagem, estes, sistematizados por Arnold Van Genep, no ano de 1909. Tais ritos se constituem no abandono de uma condição anterior (ritos de separação ou preliminar), por uma fase de preparação, de espera, de ruptura, de acolhida (ritos de margem ou liminar) e por uma readaptação ao contexto social tendo como cunho principal o novo status adquirido (ritos de agregação ou pós-liminar).

Dessa sistematização nos interessa refletir e discorrer, assim como interessou também a Victor Tuner (2008-2013), a segunda

fase, a liminar, a condição de margem, o “período de tempo em que uma pessoa está “entranhas e entre” categorias sociais ou identidades pessoais” (SCHECHNER, 2012, p.63, grifos do autor). Pensar o ‘entre’, essa ‘fase liminar’, é interessante, pois nos ajuda a entender o processo de constante preparação a que estamos submetidos. Preparação esta em que se encontram os atores em prol de seus personagens, um vestibulando que almeja sua aprovação, um funcionário em fase de promoção de cargo, uma jovem indígena que passará da infância para a maturidade social após a menarca (primeiro fluxo menstrual), enfim, essa fase de instabilidade que encontramos todos nós, no seio social. E para esse percurso onde nos fazemos constantes investigadores, convidamos a participar desse rito de escrita nômade e transeunte, os pensadores Gilles Deleuze e Félix Guattari, e deles, buscamos o conceito de ‘Rizoma’, este que “é feito somente de linhas”, sendo estas linhas de segmentaridade, de “estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 43).

Nesse texto, o diálogo com o antropólogo britânico, Victor Turner, e com os filósofos franceses, Gilles Deleuze e Félix Guattari nos chama a atenção pelas elucidações veementes de tais autores para esse espaço de margem, de meio, de intermezzo. Tanto Turner quando Deleuze e Guattari dedicaram especiais pesquisas acerca do

presente assunto. O fluxo, as modificações, as rupturas, as crises que são geradas nessa fase ritual (trazendo novamente a contribuição de Genep para a elaboração desse pensamento) provocaram nesses autores, em nossa interpretação, uma potência investigativa capaz de reabastecerem suas reflexões intelectuais pelo fato de estarem, eles, em constantes fases de inacabamentos, inconclusões.

Turner, numa vertente antropológica do 'entre' e amparado por seus estudos em antropologia, ressalta que "durante o período 'limiar' intermédio, as características do sujeito ritual (o "transeunte") são ambíguas", ou seja, "passa através de um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum dos atributos do passado ou do estado futuro" (TURNER, 2013, p. 97, grifos do autor) e ainda,

As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. [...] Assim, a liminaridade frequentemente é comparada à morte, ao estar no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade, às regiões selvagens e a um eclipse do sol ou da lua (TURNER, 2013, p. 98).

A essa citação de Turner, acrescentamos, em união ao que foi percorrido até agora e para uma distensão do termo limiar aqui colocado, ainda nessa perspectiva ritualística/antropológica, o que Schechner (2012) pontuou: "Um Limen é um limiar ou um peitoril, uma fina faixa, nem dentro, nem fora de uma construção ou sala, ligando um espaço a outro. É mais uma passagem/corredor/via do

que um espaço em si mesmo” (p. 64). Abre-se nessa e por essa passagem/corredor/via os espaços para os acontecimentos onde os indivíduos são afetados por diversas incitações/imposições internas e externas, sendo obrigados, ritualisticamente falando, a um despir total, a uma abertura ao novo, a um desarmônico estado de nada. Como exemplo concreto, podemos analisar os povos tradicionais indígenas que vivenciam no corpo físico e simbólico vários rituais de passagem (alguns podendo ser considerados por nossa cultura urbana contemporânea como “extremos”) ao longo da vida. Entre os povos do Alto Xingu que residem no Parque Indígena do Xingu no Mato Grosso, podemos citar a etnia Kamayurá, que possui ritos de passagens tanto femininos quanto masculinos, onde os jovens ficam um período de tempo isolados em suas malocas, só podendo ter contato com os pais, com uma alimentação restrita e sem poder ver o sol, vivenciando uma liminaridade corporal, um trajeto, um confinamento do ‘entre’ uma fase e outra, que ao ser findado trará para a aldeia um ‘ser adulto simbolicamente’. Os meninos, agora homens, prontos para serem guerreiros e as antes meninas, agora mulheres, prontas para serem mães e educadoras das crianças da comunidade. De acordo com a Cientista social, Sofia Madeira:

O fim da reclusão feminina também coincide com esse momento de magnânima importância na vida dos povos do Alto Xingu, uma vez que, após as lutas, as jovens “presas” abandonam o espaço de sua reclusão, saem de suas casas e são apresentadas a todos, inclusive aos visitantes. Algumas chegam a se casar nesse mesmo dia. Tendo em vista a relevância social e simbólica desse ritual no interior da cultura alto-tinguana, minha análise

gravitará em tomo desse "aprisionamento" — abrange sua extensão no interior da cultura Kamayurá— sob a hipótese de que este provoca uma concreta e forte sedimentação da cultura nativa, fortalece e confirma valores, crenças, laços afetivos e práticas sociais. Dessa forma, parto da análise do papel que esse ritual de iniciação desempenha no interior do grupo selecionado, mais especificamente de sua importância na construção social da mulher Kamayurá. Entende-se, aqui, como "construção social" a formação física e espiritual da pessoa. No caso feminino, essa construção pauta-se em dois princípios: o cuidado com o corpo (sua saúde e beleza) e o domínio das técnicas artesanais. (MADEIRA, 2006, p. 406, grifos da autora).

Esse estado de 'entre', exposto por Madeira, vem em Gennep e mais tarde em Turner a ser chamado Liminaridade (ritos de margem ou liminar) e em Deleuze e Guattari a ser denominado como rizoma. Para os dois últimos autores o "rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*" (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48, grifos dos autores), e acrescentam:

*Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidades no meio (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 49, grifos dos autores).*

Deleuze e Guattari têm uma forma bem peculiar de retratar o 'entre', no rizoma. O 'entre' é o próprio rizoma e o rizoma é o próprio 'entre'. Não há apenas uma entrada e uma saída, mas sim, inúmeras entradas e saídas. Não há uno e nem múltiplos, mas multiplicidades. Tudo é fluxo e corte, tudo jorra, percorre, escapa,

vaza, caminha..., e, como dito aqui, nunca se chega. O nunca e o nada em Deleuze e Guattari constituem certamente o rizoma, o estado de meio, de liminar, de um constante desnudamento. Nunca se preenche e sempre se esvazia.

Logo então, podemos observar nas citações, tanto as de Turner e Schechner, quanto as de Deleuze e Guattari, a afeição destes, com o estado de desnudamento do ser, com a desconstituição da identidade, com o grau zero, com a ruptura, com as eliminações, com a condição de neófito, de feto, de fluxo. Contudo, o intuito com esse texto no primeiro instante é expor basicamente as duas performances do 'entre' iniciadas e pretendidas aqui, uma elucidando a liminaridade de Turner e a outra apresentando o Rizoma de Deleuze e Guattari. Por fim, visa-se dimensionar em uma "Rizo-Liminaridade", 'um' encontro entre os 'entres' turneano e deleuze-guattariano, que, mesmo em perspectivas de estudos e autores diferentes, intencionam com esse estado de "margem", de "travessia", "fundamentos semelhantes".

## 2. 'A performance do entre' em Victor Turner

No decorrer do período liminar, o estado do sujeito ritual (o "passageiro" ou "liminar") torna-se ambíguo, nem lá nem cá, *betwixt and between* qualquer ponto fixo de classificação; ele passa por um domínio simbólico com poucos ou nenhum dos atributos do seu estado passado ou vindouro (TURNER, 2008, p. 216, grifos do autor).

Abordar Turner e os seus escritos acerca do 'entre', denominado Liminaridade, só é possível se se conhece, como já discorrido, uma abordagem sistêmica desenvolvida no ano 1909, por Arnold Van Gennep, a qual se intitulou, *Ritos de Passagem*. No entanto, antes de prosseguirmos, faz-se necessário transitarmos um pouco pelo entendimento dessa abordagem.

'Ritos de passagem' foi uma obra muito importante para a época, pois tal trabalho estruturou, denominou e conceituou termos em uma rede sistemática para que se pudesse analisar de uma maneira mais elaborada, os rituais, estando eles dispostos em qualquer que seja a cultura. A sistematização de Gennep, no entanto, não é uma sistematização limitada, à qual se destina à análise de alguns ritos, ou alguns aspectos dos ritos, mas sim, se pretende analisa-lo de maneira ampla.

Como podemos observar na epigrafe inicial deste texto, os ritos nos colocam em uma disposição liminar: de adaptação, de meio, de *intermezzo*, advindo de uma separação, possibilitando uma futura agregação. Para esse processo, que concebe esse terreno ritual a que estamos sujeitos, Gennep propôs três processos que compreendem os ritos de passagem: Ritos de separação ou preliminares; Ritos de margem ou liminares; Ritos de agregação ou pós-liminares.

Mas essa não foi a única sistematização feita por Gennep. Antes o autor apontou algumas definições para ajudar na compreensão do rito. O mesmo pode ser definido como: rito

animista e rito simpático (semelhante sobre o semelhante, do contrário sobre o contrário... Vem de animus: alma, e tem uma intermediação de um objeto ou animal) e/ou rito de contágio e rito dinamista (que se fundamentam na materialidade e transmissibilidade) que, expandindo sua escala podem ainda ser denominados como: rito positivo e/ou negativo e/ou direto e/ou indireto. De acordo com cada ritual é que se pode definir em qual categoria, ou, em quais categorias o rito deve ser interpretado<sup>ii</sup>.

Como podemos observar, a teoria de Gennep perpassa também por toda uma complexidade proveniente da sua sistematização. O contexto do início do século XX influenciou o autor, evidentemente, no desenvolvimento da sua teoria, porém, atualmente, outras contextualizações/atualizações são feitas. Tal fato, em nosso ponto de vista, é que possibilita que, 'Ritos de passagem', de 1909, seja uma obra pertinente e importante hoje em dia. É um despertar, uma forma de compreender a cultura em suas especificidades, entre essas, o entendimento de 'Sagrado e Profano', conceitos que variam de cultura para cultura e que se fazem importantes para se entender os ritos de passagem de Gennep.

Sendo assim, Sagrado e Profano, em toda uma ritualística, crivam faces dialógicas e o melhor que se tem a fazer, em nossa visão, é entender esse processo não como um duelo, uma em função da outra, mas sim como uma fita de moebius, que, variando

de uma cultura para outra, ambos os termos se convertem e sagrado se transforma em profano e vice-versa.

John Dawsey, em um de seus textos denominado, *Sismologia da Performance: ritual, drama e play*, escreveu o subtópico, *A santa e a lobisomem*, em que essa confluência entre sagrado e profano ocupam um mesmo espaço. Neste, o autor relata a peregrinação dos devotos à Nossa Senhora de Aparecida, em Aparecida do Norte-SP, cujo espaço 'sagrado' da Santa, em suas proximidades, cede lugar também ao que, para tal tradição cristã/católica seria considerado 'profano', que são as lojas, as bancas, o parque de diversões e, mais especificamente, a performance da mulher que se transforma em lobisomem.

A Basílica Velha apenas marcava o final do percurso sagrado. Dali se entravam em espaço profano, descendo morro em um movimento volumoso e fluido de gente percorrendo ruas e vielas, fazendo volteios e abrindo-se em redemoinhos nas inúmeras lojas e bancas onde imagens da santa contagiam e se deixam contagiar no contato com uma infinidade de artigos de consumo popular. A própria santa parece fazer o percurso, por lojas e bancas, misturando-se aos objetos.

No final desse trajeto, ao pé do morro, uma surpresa: um parque de diversões. Em meio a carrosséis, tiro ao alvo e carrinhos elétricos "bate-bate", encontravam-se as grandes atrações: "mulher gorila", "mulher cobra" e "mulher lobisomem" (DAWSEY, 2007, p. 8 - grifos do autor).

A citação de Dawsey permite entender que esse duo, sagrado e profano, comungando de uma proximidade muito maior

do que se pensa, faz parte de uma estrutura social que, sem se dar conta, está disponível e constituída, onde se transita livremente um pelo outro sem o peso de julgamentos. Pessoas contemplando o profano e o sagrado sem o peso da consciência que define, limita e impõe certos valores que podem acarretar discriminação. Tanto o sagrado quanto o profano tem ligações com o contexto social de um povo, sendo assim, o que faz parte de uma tradição, não pode ser julgado por um senso comum baseado em preconceitos ou analisado tendo como base “correta” a cultura da qual se faz parte.

Quando Gennep promove essa discussão pelos ritos de passagem, possivelmente ele está interessado no que a cultura tem a oferecer. Está interessado em toda uma amálgama de ações que difere um povo de outro e também o que assemelha um povo a outro, ou seja, em quais aspectos existem as diferenças, as semelhanças e qual é o significado de toda a tradição ritualística para determinado povo. Também podemos analisar como são aceitos, apreendidos, aprendidos, ensinados, enfim, como se dá o envolvimento da cultura com seus ritos e como os ritos dignificam e reafirmam a singularidade e pluralidade de uma cultura. “Como atos de sociedade, os rituais revelam visões de mundo dominantes ou conflitantes de determinados grupos” (PEIRANO, 2006, p. 11).

Depois dessa breve passagem, retornemos a Turner. O antropólogo britânico se debruçou nos ritos de passagem de Gennep e, se afeiçoando com os ritos de Margem ou Liminares, promoveu algumas reflexões para se pensar todo um estado de

entre. A performance do 'entre', em Victor Turner, aqui, recebe o nome de Liminaridade e tem como extensão as outras importantes terminologias que a este termo se adere, tais como: *Communitas*, *Margem*, *Estados*, *Status*, *Estrutura* e *Antiestrutura*.

Em vários de seus textos Turner faz reflexões como as supracitadas, mas é principalmente em *Passagens, margens e pobreza: símbolos religiosos da Communitas*<sup>iii</sup>, *Liminaridade e Communitas*<sup>iv</sup> e *Betwix and between: o período liminar nos ritos de passagem*<sup>v</sup>, que o autor propicia um aprofundamento no estado Liminar e disponibiliza uma série de reflexões que elucidam, ou melhor, que abrem um campo de visão para melhor entender esse processo em que os indivíduos, sejam em uma sociedade tradicional ou urbana ocidental como a nossa, se deparam com situações de passagem, de entre, que os levam de um status a outro por intermédio dos múltiplos e distintos ritos/processos.

O autor apresenta, através de seu pensamento intelectual, o contexto social e sua formatação e como que este possui uma estrutura própria da sociedade com seus costumes, com suas histórias, enfim, com suas tradições. "É a cultura que fabrica as distinções estruturais; e é também a cultura que erradica estas distinções na liminaridade" (TURNER, 2008, p. 235). Além disso, nesse mesmo contexto de estrutura social, Turner evidencia a antiestrutura formada por aqueles que possuem um posicionamento diferente, as *Communitas*, ou seja:

- Os indivíduos da margem, que se colocam fora da tradição, que negam todas as formalidades e, para esse caso, podemos elencar os hippies do movimento hippie, os santos<sup>vi</sup>, os outsiders<sup>vii</sup>, os mendigos que se aderem às ruas por uma opção de vida, próprias das pessoas que se colocam em oposição a algo estabelecido, entre outros<sup>viii</sup>. “O colapso da estrutura pode significar a vitória da *communitas*” (TURNER, 2008, p. 234, grifos do autor).
- Em uma sociedade tradicional, por exemplo, numa tribo, as *communitas* são o indivíduo ou o grupo de iniciados ou neófitos que se encontram, por intermédio de todo ritual de passagem da tradição tribal, em um local e em um momento distinto dos outros membros e que, após um período de afastamento, de acolhida e preparação para esse renascimento como uma nova conduta, se agrega novamente aos demais.

Schechner, com o apoio de Turner, se dedicou a um aprofundamento nesse caminho antropológico e escreveu sobre rituais e os processos que a este implicam. Sobre o assunto foco deste texto, o autor discorre também, amparado pela teoria de Turner, sobre as vertentes e os processos liminares das *Communitas*. Tal abordagem pode subsidiar um entendimento do que vem sendo proposto aqui. Schechner aponta a *Communitas* em

duas vertentes, a normativa e a espontânea<sup>x</sup>. A primeira, na reflexão do autor, normalmente é a mais popular e é a que domina. Ela compreende em seu processo toda uma norma, uma estrutura e é imposta. Tal *Communitas*, a normativa, pode ser exemplificada por uma congregação cristã. Toda uma comunidade que se encontra unida a Cristo.

Já a *Communitas* espontânea, como podemos observar na própria denominação do termo, é livre e abole os status. Ela se faz no contato, na ruptura, na não aceitação de uma norma imposta. Ela simplesmente acontece. A *Communitas* espontânea – a favorita de Turner – é diferente, quase o oposto da normativa (SCHECHNER, 2012) e “ela pode também ser secular, como, por exemplo, quando uma equipe esportiva joga tão bem que cada jogador sente-se em contato íntimo com os outros” (SCHECHNER, 2012, p. 69). Ainda nesse entendimento, a *communitas* espontânea é formada por indivíduos que possuem algo em comum, só que sem divisão de poder: hierarquia, status, dominação, eleição, definição de cargos, entre outros. É um pertencimento tão intenso a um grupo, que não se é possível prolongar por muito tempo, sendo assim, “é um sentimento de solidariedade de grupo, normalmente de curta duração, gerada durante o ritual” (SCHECHNER, 2012, p. 68, nota de rodapé).

O entendimento que perpassa por esse contexto dos rituais, das tramas sociais, compreendendo a dinâmica da liminaridade e esta como um estado de margem, de tráfego constante entre

estrutura e antiestrutura, de posição do 'entre' que afeta diretamente a *communitas*, nos leva a refletir, também, um paradoxo bem interessante. O estado liminar é uma espécie de fase 'Útero-Túmulo'. Os Neófitos, iniciantes, participam de uma morte-vida (*Womb-Tumb*) e estão nem mortos e nem vivos em um aspecto e estão tão mortos quanto vivos em outros. Sendo assim, nessa fase liminar acontece um deixar-se morrer por deixar morrer as características de uma fase anterior para gerar as características de uma fase posterior, vindoura.

Em *Betwixt and Between*<sup>x</sup>, Turner (2005a) reafirma a importância desse estado liminar. Ambos os termos compreendem o estágio do 'Entre': *Betwixt*, o 'entre' arcaico e *Between*, uma contemporaneização do 'entre'<sup>xi</sup>. Cabe ressaltar que em Turner, falar de Liminalidade, de *Communitas*, de Margem, de Passagem..., é falar do Entre. *Betwixt and Between* é o entre do entre. O Entre lugares. O intermediário. Um reforço extra ao entre: o entre mais entre do entre. O que liga dois estados<sup>xii</sup> em que se encontra determinado indivíduo. Nesse processo do entre, liminar, como já elucidado, o indivíduo ainda não pertence nem a uma classe nem a outra, ele está e não está: está num estado de entre bem definido e não está vinculado a nenhum outro estado. Sendo assim,

a liminaridade pode talvez ser descrita como um caso frutífero, um armazém de possibilidades, não uma montagem aleatória, mas uma busca por novas formas e estruturas, um processo de gestação, uma irrupção fetal de modos apropriados de existência pós-liminar (TURNER, 2005, p. 183, 184).

O processo liminar de um rito de passagem, ou outro processo que não tem o rito como denominação<sup>xiii</sup>, pode ser caracterizado por sua coletividade e individualidade. Acolhe-se o coletivo, mas compreende-se também que nessa coletividade existem as singularidades. Dentro de um rito de passagem, um grupo que está a mercê da tribo irá passar pelo mesmo rito, porém, cada um passará de maneira diferente. Portanto, deve-se levar em consideração o fato de que o processo de margem abarca tanto a faceta coletiva quanto a individual.

Outra questão importante a ser levantada é a denominação e a característica do indivíduo, sujeito à fase liminar, como uma 'Persona Liminal', um personagem duplo, dobrado sobre si mesmo. E nesse ponto, sendo a vida uma constância de ritos/processos de passagem, e o indivíduo uma persona em constante margem (natural, social ou por escolha própria), fazemos menção às dobras de Gilles Deleuze (1991), as quais podem ser entendidas, neste caso, com as dobras humanas/sociais que se desdobram ao infinito.

### 3. 'A performance do entre' em Gilles Deleuze e Félix Guattari

Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p.19).

O rizoma. O entre, o *intermezzo*, a travessia, o fluxo, as idas e vindas, os cortes, o retorno, o eterno retorno<sup>xiv</sup>. O rizoma se

constitui desconstituindo. Ele se une às várias mãos em uma escrita, ou melhor, ele é essas várias mãos, esses vários pensamentos a escrever uma escrita desejante. Desejo de uma descontinuidade. Desejo que só é desejo porque participa de uma potência de vontade, de uma máquina de guerra a confrontar o próprio pensamento e fazer o pensamento pensar diferente, de outra forma. Pensamento este que abala as certezas, calcula o incalculável, desarticula as partituras de uma essência determinada. No rizoma não há essências. O rizoma não é a essência. O rizoma por ele mesmo, nem ele sabe o que é. O rizoma não fecha, ele se abre em rizoma. Mais poroso que o rizoma, só o rizoma. Mais permeável que ele, só ele se permeando, permitindo a permeação, o jorro.

O rizoma é aliado do escape. É a fuga de uma pertença. Escorre. Não tem marcas determinadas e impostas. Bem ali, onde existe, não existe mais nada. Deve-se a isso, o fato de que, pela sua permeabilidade discreta e oculta, atravessamos o e pelo rizoma, somos rizoma sem nos darmos conta de tal acontecimento. Pelo rizoma somos e fazemos acontecimentos, sem pretensão, pois em tal contexto as pretensões também são anuladas. Não há pretensões, mas sim, acontecimentos.

Considerando a presente e real antiaderência do rizoma, é que pedimos a permissão para não definir e esclarecer em definições claras, o que seja ele, até mesmo porque isso seria uma tarefa impossível de se realizar, mas tentaremos, de maneira rizomática, abordar sobre tal termo. Por ora nos compete apenas

discorrer sobre o rizoma, fundamentado em Deleuze e Guattari. Os filósofos em questão capturam o termo 'rizoma' da botânica para infiltra-lo na filosofia, mas, primeiramente, subvertem a sua definição e desenraizam-no de seu entendimento costumeiro de árvore, de raiz, pois tal entendimento é o que primeiramente passa em nosso pensamento quando falamos de rizoma. "Faça rizoma e não raiz, nunca plante! Não semeie, pique! Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidade" (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48). Tal elucidação nos mostra que o rizoma, como linhas de fugas e pontos de contato, tem a extrema facilidade de ligar e desligar, de embaralhar os códigos sociais rígidos e impenetráveis e, como relatou Trindade (2013), o rizoma é o pesadelo do pensamento linear.

Tentando percorrer por essa proposta nômade, Deleuze e Guattari, escritores que desterritorializam muitos de nossos pensamentos, promovendo, como já discorrido, uma desestruturação em nossas certezas e mexendo com nossas bases socialmente aceitas/impostas, nos mostram, escondendo, o rizoma. Por que mostram escondendo? Como pudemos ler nos dois primeiros parágrafos desse tópico, o rizoma é um termo escorregadio. Ele é propriamente um transeunte de si mesmo. Sendo assim, se torna mais plausível falar do rizoma sendo-o, pois é isso o que fazem os autores, Deleuze e Guattari.

No entanto, podemos observar, quando nos dedicamos a uma leitura das obras de tais filósofos franceses, que os mesmos

fazem questão de se misturarem em seus escritos. De se perderem e de nos levar a nos perder, também, nessa imensa rede de possibilidades. Quando em *Mil Platôs vol. 1* os autores fazem do rizoma assunto principal, eles se vão nesse fluxo contínuo, pois tal rizoma é constituinte de suas vidas. Vidas e rizoma.

Um rizoma, com suas múltiplas entradas e saídas se desdobra a um infinito de potencialidades. Tal potencialidade é uma criação latente do entre, da travessia, da nunca chegada, do nunca começo e fim, da não conclusão. O rizoma é sempre aberto, é uma constituição de multiplicidade, de platôs e como os próprios autores elucidam, o platô é uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.44), e ainda,

Chamamos “platô” toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma. Escrevemos esse livro como um rizoma. Compusemo-lo com platôs. Devemos a ele uma forma circular, mas isso foi feito para rir. Cada manhã levantávamos e cada um de nós se perguntava que platôs ele ia pegar, escrevendo cinco linhas aqui, dez linhas alhures (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.44, grifos dos autores).

Assim, pela citação, podemos notar o quão o rizoma transcende os limites, atinge as margens e ultrapassa as fronteiras. Talvez não possamos enxergar seu começo e seu fim (pela não constituição de um começo). Não conseguimos também ver onde estão seus cortes, suas linhas de fuga, por onde ele vasa, qual seu

fluxo, pois ele também não determina nem demarca nada. Dentro do rizoma, tudo é fluxo e acreditamos ser esse, um entendimento interessante para se tentar aproximar desse conceito deleuze-guattariano.

O presente termo é um agenciamento de suas multiplicidades e compreende uma série de fatores que dão substâncias para seus fluxos contínuos. São rotas de intensidades e velocidades incalculáveis. Estende em suas várias e distintas maneiras de interações. Está em constante metamorfose e alarga-se com as rupturas, com os (des)encontros, com o novo, com o liberto, com os desejos, com as forças que movem em um ato de expurgar o que incomoda. O rizoma está aí para fazer girar, acontecer (ele próprio é um acontecimento), embaralhar, oxigenar (o movimento de respiração que traz vida, que faz a grande máquina 'corpo' funcionar), entre outras possibilidades. O rizoma é tudo e todos. Não tem como escapar dele (ironia isso, não é? já que ele próprio escapa), ele é o próprio fora, ele habita o fora, e, é nesse fora em que o rizoma está e que estamos muitos de nós. "Um experiência do fora é justamente a recusa das formas implicadas pelo conhecimento: a unidade, a identidade, o mesmo e a presença" (LEVY, 2011, p. 42).

O rizoma também é o espaço para o devir. Na travessia que a ele (rizoma) compete, as mudanças acontecem constantemente e se dão nos contatos e rupturas, porém não se operam por imitação. Devir, como relata Deleuze e Guattari (2012), nunca é imitar, mas

sim passagem sempre aberta da qual somos constituídos, ou melhor, desconstituídos. No rizoma, na travessia, no fluxo, a nossa condição terrena sofre variações, muitas delas, involuntariamente, e com isso estamos suscetíveis ao devir mulher, animal, vegetal, mineral e até mesmo ao devir imperceptível.

O devir imperceptível, em nossa visão, é o que promove os outros devires, pois, tanto o rizoma como os nossos devires, e o devir como um termo/conceito rizomático, acontecem de forma despercebidos. Sendo assim, há, nesse contexto, mudanças que não competem ao nosso entendimento humano, carnal e mundano, elas simplesmente são dadas a ocorrer de maneira a gerar e a impulsionar a movimentação do sistema, sistema esse liberto do próprio sistema, sendo este também, toda e qualquer coisa e condição.

Faz-se útil dizer que, mesmo estando em um terreno desterritorializante, onde não se evidencia certezas, onde nada se fecha e se conclui, o rizoma não pode e nem deve ser visto como qualquer coisa, como algo vulnerável e sem precedência que o fortifique em seu posicionamento nômade. O rizoma deleuze-guattariano é sim um espaço onde tudo acontece, porém, esse tudo acontece de maneira a participar de um trânsito entre conhecimentos. A energia do rizoma está na contemplação de um geral, de um tudo e todos que se conectam e se desconectam ao mesmo tempo em uma condição flexível do aprendizado. Podemos ver o mundo do qual fazemos parte como um grande rizoma a

abarcando outros tantos rizomas e outras tantas linhas rizomáticas. Podemos nos deparar com os rizomas da tradição sendo visitados/atravessados pelos rizomas da modernidade e, com isso, observarmos uma miscelânea de arquiteturas, tecnologias, crenças, posicionamentos, entre outras situações. O rizoma talvez seja o conceito que melhor elucide a realidade em que estamos vivendo: todas as transgressões, cada ruptura, os posicionamentos diversos e distintos dos indivíduos e grupos, a libertação de alguns vários automatismos, regras e imposições. Todo esse contexto se dá na transparência de um rizoma. Sendo assim, se reafirma o que já foi dito nesse tópico: somos e participamos do rizoma.

O rizoma, em uma visão particular, é o que acolhe os outros termos/conceitos de Deleuze e Guattari. Não se pode falar de devir, desterritorialização, nomadismo, corpo sem órgãos <sup>xv</sup>, acontecimento, diferença..., sem falar de rizoma. Todos esses termos participam e se misturam nessa potente ramificação ilimitada. O rizoma é a potência do 'entre' dos autores em questão. Um entre que é diálogo, que é adesão e ruptura, que é passagem, caminho, viagem, possibilidade, transição... que é reta, seta, curva e circunferência, que nunca se centra nem se esgota, que sempre se escoia, permite estado de experiência, transforma, que trans-forma, que não forma uma forma como a forma 'deveria' ser formada, que desforma, que não se contenta e que se liberta. Um rizoma tão entre, que se confunde com o entre de um rizoma.

#### 4. Rizo-Liminaridade

A *liminaridade* representa o ponto intermediário numa entre duas posições *status sequence* (TURNER, 2008, p. 221 - grifos do autor).

O rizoma “ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 43).

Possibilitar o diálogo entre o rizoma de Deleuze e Guattari com a liminaridade de Victor Turner, em seus pontos de encontro e de linhas de fuga, é algo muito salutar. O ‘entre’ se perde e se acha em seus encontros e fugas. O próprio entre é encontro e fuga. Na performance do ‘entre’, em Turner, o indivíduo, em seu rito de passagem, à margem, como neófito, se encontra em uma condição de desapego, de ruptura, de encontro com o novo e se encontra em um novo status. O indivíduo foge, escapa de sua condição posterior. Através de uma transportação/transformação, como nos esclarece Schechner (2011), esse indivíduo é levado a embarcar nessa travessia de abandono, de caos, de limpeza, de escapatória, de subterfúgio. Na performance do ‘entre’ de Deleuze e Guattari, o encontro se dá pelas fugas e as fugas acontecem no e pelos encontros. Quando se pensa encontrar, já se escapou, e quando se pensa em escapar, ocorre o corte, a ruptura. Um processo de encontros e despedidas, ou melhor, um processo que não se sabe, por via e por hora nenhuma, quando se há o encontro e quando se há a fuga. Um rizoma lodo.

Pelas duas vertentes teóricas aqui colocadas, a de Turner e a de Deleuze e Guattari, acreditamos ter sido possível notar as linhas de fugas de ambas e como são distintas. Porém, arriscamos elucidar um ponto de contato que permeia tais teorias, ou seja, apresentar “uma semelhança” incrustada no “fundamento” dos ‘entres’ de Turner e de Deleuze e Guattari. Teoricamente ancorados, seguem algumas elucidacões.

Quando no t3pico acerca da performance do ‘entre’ em Victor Turner trouxemos, amparados por sua teoria e a de Schechner, compondo o contexto da liminaridade, o estudo sobre as *communitas*, e, permeando este estudo, nos deparamos com a *communitas* espontânea, a preferida de Turner, pudemos, com esta, nos lembrar do rizoma estudado e difundido por Deleuze e Guattari.

Turner (2013) elucida:

“É o destino de toda *communitas* espontânea na história sofrer aquilo que muitas pessoas consideram um “declínio e queda” na estrutura e na lei” (p. 128 - grifos dos autores).

A *communitas* espontânea não pode nunca ser expressa adequadamente numa forma estrutural, mas pode surgir de modo imprevisível em qualquer tempo entre os seres humanos que são institucionalmente contados ou definidos como membros de algum tipo, ou de todos os tipos, de agrupamento social, ou de nenhum. Assim, como na sociedade pré-letrada, os ciclos de desenvolvimento individuais e sociais são entrecortados por instantes mais ou menos prolongados de liminaridade ritualmente guardada e estimulada, cada um com seu núcleo de *communitas* potencial, assim também é a estrutura de fases da vida social nas sociedades complexas e também entrecortadas por inúmeros

instantes de *communitas* espontânea, mas sem motivos provocadores institucionalizados e sem salvaguardas (p. 132 - grifos dos autores).

A *communitas* espontânea é uma fase, um momento, não uma condição permanente (p. 134 - grifos dos autores).

A *communitas* espontânea é natureza em diálogo com a estrutura, casada com ela, como uma mulher se liga a um homem. Juntos, criam um fluxo de vida, como um rio, um afluente fornecendo a energia e o outro a fertilidade aluvial (p.134 - grifos dos autores).

Em contrapartida às elucidações de Turner apresentamos algumas citações de Deleuze e Guattari (2011):

Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas (p. 25).

Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas de segmentaridade explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se submeter uma às outras (p. 25, 26).

Seguir sempre o rizoma por ruptura, alongar, prolongar, revezar a linha de fuga, fazê-la variar, até produzir a linha mais abstrata e a mais tortuosa, com *n* dimensões, com direções rompidas (p. 28 - grifos dos autores).

Por intermédio dessas citações podemos observar alguns pontos de contato que se dá no “princípio transitório” do ‘entre’ de Victor Turner e de Gilles Deleuze e Félix Guattari. A liminaridade, o

'entre', a constituição de uma *communitas* espontânea, com as características trazidas pelas citações de Turner, com a sua imprevisibilidade, como uma fase e não como uma condição permanente tem uma relação plausível com a flexibilidade e o nomadismo do rizoma percorrido por Deleuze e Guattari. Quando Turner, na citação, "A *communitas* espontânea é natureza em diálogo com a estrutura, casada com ela, como uma mulher se liga a um homem. Juntos, criam um fluxo de vida, como um rio, um afluente fornecendo a energia e o outro a fertilidade aluvial" (2013, p. 134, grifos do autor), localiza dentro de uma estrutura 'rígida', a *communitas* espontânea, o não seguimento de uma rigidez, o mesmo faz Deleuze e Guattari ao localizar o rizoma dentro de um território: "Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.", porém "compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar" (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 25). Sendo assim, tanto Turner (discorrendo sobre a *communitas* espontânea) quanto Deleuze e Guattari (discorrendo sobre o rizoma) elucidam a fluidez do 'entre'.

Para além desse ponto de contato, outros, certamente existem. Quando se fala de liminaridade, desse estado de 'entre', de margem, de ruptura, de ritos de passagem, de abandono e acolhida, é bem óbvio que se esteja falando, de alguma forma, de fluxo, corte, desterritorialização, linhas de fugas e pontos de contato e que se esteja falando de multiplicidade e potência do fora. Sendo

assim, a liminaridade de Turner, e o rizoma de Deleuze e Guattari, nos permitem pensar em uma 'Rizo-Liminaridade', e desta, performances do 'entre' que estejam para bem além e tão próximas de um 'entre' turneano e tão fora de um dentro mais dentro que o próprio dentro deleuze-guattariano.

Rizo-Liminaridade, nas performances do 'entre' em Turner, Deleuze e Guattari, é o conceito criado aqui, que ancora as linhas de fuga e os pontos de contato proporcionados pelo 'entre' discutido nesse texto. Pelo 'entre', as coisas acontecem, passam, em um rito de passagem, voluntário ou involuntariamente. Contudo, podemos dizer, rizo-liminarmente, que participamos, dentro de um imenso 'entre rizomático', de vários ritos de passagem e que estamos constantemente em fases liminares e seguindo o fluxo de um grande rizoma-liminar chamado mundo.

## REFERÊNCIAS

DAWSEY, John C. Sismologia da Performance: Ritual, Drama e Play. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, V. 50, n.º. 2, p. 527 – 570, 2007.

DAWSEY, John C. Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas. *Campos – Revista de Antropologia Social*. Paraná, Universidade Federal do Paraná, V. 7, N.º. 2, p. 17 – 25, 2006.

DELEUZE, Gilles. *A dobra: Leibniz e o Barroco*. Trad.: Luíz B. L. Orlandi. Campinas, SP: Papirus, 1991.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia Vol. 1*. Trad.: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia Vol. 4*. Trad.: Suely Rolnik. São Paulo, Editora 34, 2012.

GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Trad.: Mariano Ferreira. 3ª ed. Petrópolis, Vozes, 2011.

LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MADEIRA, Sofia Pereira. *Ritual de iniciação no Alto Xingu: a reclusão feminina Kamayurá*. *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis, EDUFSC, n. 40, p. 403-421, 2006.

PEIRANO, Mariza. *Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance*. *Campos – Revista de Antropologia Social*. Paraná, Universidade Federal do Paraná, V. 7, N.º. 2, p. 9 – 16, 2006.

SCHECHNER, Richard. *Performers e Espectadores: Transportados e Transformados*. *Moringa – Artes do Espetáculo*, João Pessoa, Vol. 2, n. 1, p. 155-185, 2011.

SCHECHNER, Richard. *Ritual*. In: LIGIÉRO, Zeca (Org.). *Performance e Antropologia de Richard Schechner*. Trad.: Augusto Rodrigues da Silva Junior et al. Rio de Janeiro, Mauad X, 2012, p. 49-89.

TRINDADE, Rafael. *Deleuze - Rizoma*. Publicado em: 21 set. 2013. Disponível em: <http://razaojadequada.com/2013/09/21/deleuze-rizoma/>. Acesso em: 02 ago. 2015.

TURNER, Victor. Betwix and between: o período liminar nos ritos de passagem. In: TURNER, Victor. Floresta de Símbolos. Aspectos do Ritual Ndembu. Niterói: Eduff, 2005a, p. 137-158.

TURNER, Victor. Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em antropologia da experiência (primeira parte). Trad.: Herbert Rodrigues. Cadernos de Campo, São Paulo, V. 13, Nº 13, p. 177-185, 2005.

TURNER, Victor. Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana. Trad.: Fabiano de Moraes. Rio de Janeiro: EdUFF, 2008.

TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e anti-estrutura. 2ª ed. Trad.: Nancy Campi de Castro e Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

## NOTAS

---

i A performance aqui discutida, contendo o teor que demanda essa proposta, se respalda no que elucida Dawsey (2006): "Performance – termo que deriva do francês antigo parfournir, "completar" ou "realizar inteiramente" – refere-se, justamente, ao momento da expressão. A performance completa uma experiência. Porém, o que se entende por completar? Essencial à performance – e, aqui, também recorreremos a Turner – é a sua abertura. Ou, em outros termos, o seu não-acabamento essencial. Daí, a sua atenção aos ruídos" (p. 22, grifos do autor).

ii Para um maior aprofundamento nessa questão, deixamos como opção de leitura o livro *Os ritos de passagem*, de Arnold Van Gennep.

iii Do livro: *Dramas Campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*.

iv Do livro: *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*.

v Do livro: *Floresta de Símbolos. Aspectos do Ritual Ndembu*.

vi Nesse caso, Turner (2008) discorre sobre São Francisco. Santo, filho de um comerciante muito rico, que abdicou de todos os seus bens em prol do seguimento de Jesus Cristo. São Francisco cessou com as barreiras que separava as pessoas

pelos bens materiais e com esse fato, se colocou à margem, fora do seu padrão familiar de costume, podendo ser comparado hoje em dia com as pessoas que se recusam a seguir determinados padrões.

vii Marginais, aqui, são os indivíduos à margem, não vinculados a nenhuma regra da sociedade.

viii “Trata-se, sem dúvida, de um feixe de fenômenos sociais que não combinam bem! No entanto, todos têm a seguinte característica comum: são pessoas ou princípios que (1) se situam nos interstícios da estrutura social, (2) estão à margem dela, ou (3) ocupam os degraus mais baixos” (TURNER, 2013, p. 121, 122).

ix Cabe ressaltar que no livro, *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*, Turner, no capítulo IV, *communita: modelo e processo*, evidencia outros tipos de *communitas* (que pela vertente desse texto não serão abordadas com maior profundidade), dentre elas a ideológica, existencial, apocalíptica, de crise, do afastamento e do retiro. Para um maior aprofundamento no assunto, ler o presente capítulo do livro.

x *Betwixt* and *Between* juntos funcionam como adjetivo-adverbializado. Para um entendimento distendido ver: <http://skydoestudante.blogspot.com.br/2015/05/adjunto-adverbializado.html>.

xi Tanto o termo ‘arcaico’ quanto ‘contemporâneo’ foram usados, aqui, como uma interpretação particular do texto e funcionam no intuito de um melhor esclarecimento.

xii Turner, na constituição dos seus textos opta pela denominação ‘estado’ ao invés de ‘estágio’. Tal afirmação pode ser notada ao ler as obras do autor. Acreditamos ser pela própria constituição do termo: Estado – Do latim *status*, ‘condição, situação’, de *stare*, ‘estar, ficar de pé’. A referência para a etimologia da palavra ‘estado’ está disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/estado/>.

xiii Com isso queremos pontuar a distinção entre as sociedades tradicionais/originárias e as sociedades modernas, onde o termo ‘rito’ é para a primeira, uma denominação de peso e primordial. Na modernidade, o rito, denominado rito, vem adquirindo outras denominações (etapas, fases, processo, etc.) e poucas pessoas conferem rito às suas passagens de status durante a vida.

xiv Todos esses foram conceitos trabalhados por Deleuze e Guattari em seus textos e que não adentraremos aqui, visto que, cada um desses termos adensariam uma discussão prolongada, necessitando para isso, a elaboração de outro artigo, com essa finalidade.

xv Termo proposto pelo poeta, escritor, ator e diretor de teatro francês, Antonin Artaud.

---

**\*Rodrigo Peixoto Barbara** é Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás. Ator-bailarino licenciado em Artes Cênicas pela UFG. No campo cênico, experiencia e desenvolve estudos com ênfase no triálogo: interpretação, dança (expressão corporal/Somato-pisicopedagogia) e educação. Investiga as áreas filosóficas e literárias da Diferença sendo pesquisador das poesias transgressoras de Manoel de Barros e dos pensamentos subversivos de Friedrich Nietzsche, Antonin Artaud, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Compõe o grupo de contação e cantação de histórias: "Encanteria de Teatro". E-mail para contato: [teatrodrigo.arte@gmail.com](mailto:teatrodrigo.arte@gmail.com)

**\*Renata Valério Póvoa Curado** é Mestra em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2017), licenciada em Artes Cênicas pela Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (2011) e graduada em Gestão em Turismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás(2005). Pesquisadora dos caminhos do corpo e suas potencialidades, das performances culturais e memoriais, da sócio-diversidade cultural brasileira em sintonia com a interpretação teatral e a antropologia da arte. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em teatro, dança e arte-educação. Trabalha como atriz, performer e produtora/diretora de peças teatrais. Atua como educadora no ensino infantil, ensinos fundamental I e II, ensino médio e ensino de jovens e adultos, sempre trabalhando com a capacidade de transformação e crescimento de seus alunos a partir do contato com as diversas formas de se fazer, ser e estar na arte.

Artigo Submetido em: 19/02/2018

Aprovado em: 18/04/2018